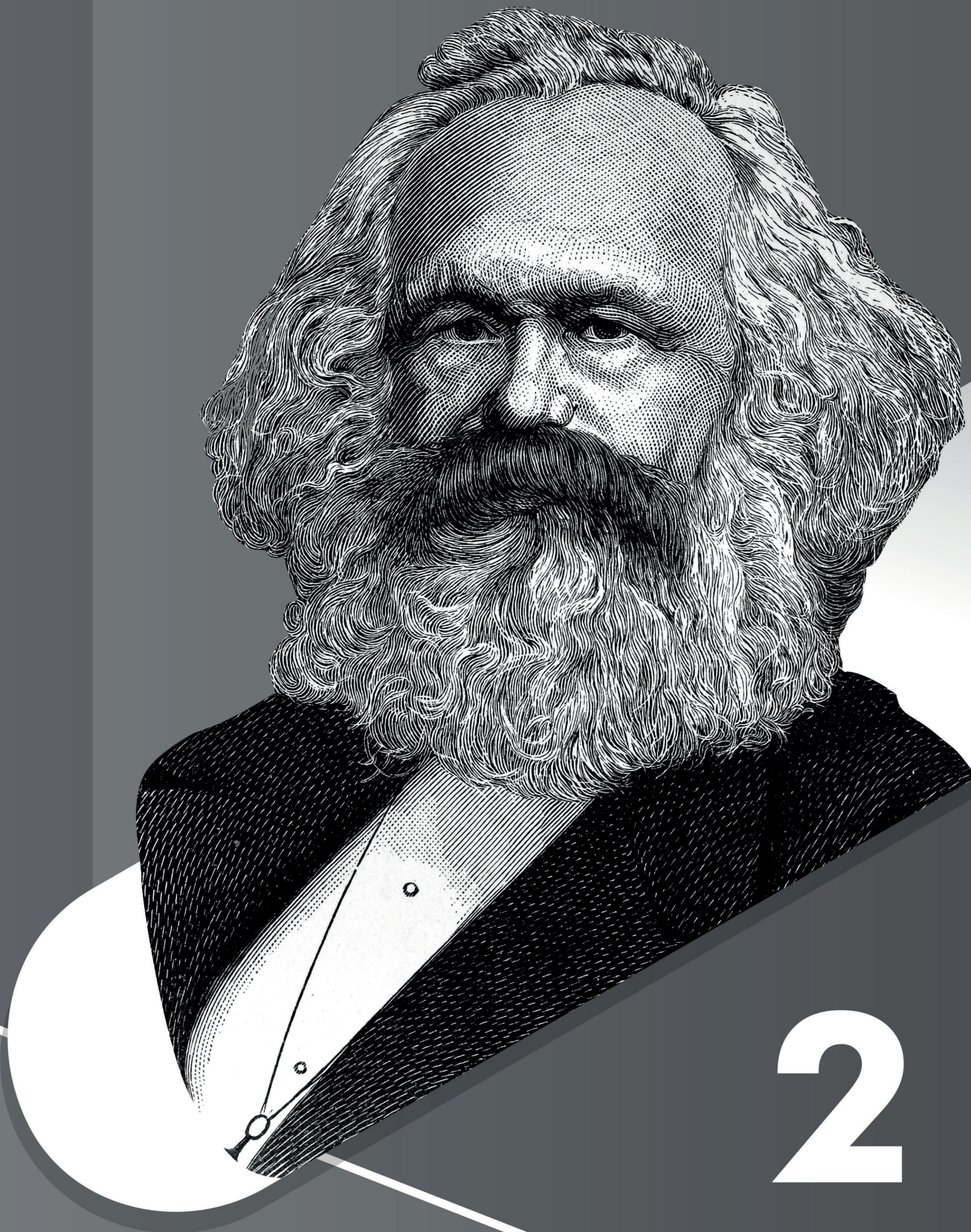


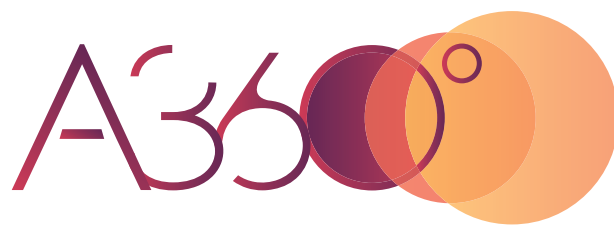
SOCIOLOGIA



2



SISTEMA
DE ENSINO



SOCIOLOGIA

Volume 2 - 1ª Edição

Goiânia
AP360° EDUCACIONAL
2019

SUMÁRIO

A CULTURA E O PROGRESSO	7
A DEFINIÇÃO DE CULTURA NA ANTROPOLOGIA CLÁSSICA.....	8
EDWARD TYLOR E O MÉTODO COMPARATIVO E A ANTROPOLOGIA DE GABINETE	8
O DARWINISMO SOCIAL	9
BRONISLAW MALINOWSKI E A PESQUISA DE CAMPO.....	10
CLAUDE LÉVI-STRAUSS E O ESTRUTURALISMO.....	12
NOTÍCIAS DA ANTROPOLOGIA BRASILEIRA.....	15
CULTURA POPULAR E CULTURA ERUDITA.....	16
EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO	20
GABARITO.....	26



A CULTURA E O PROGRESSO



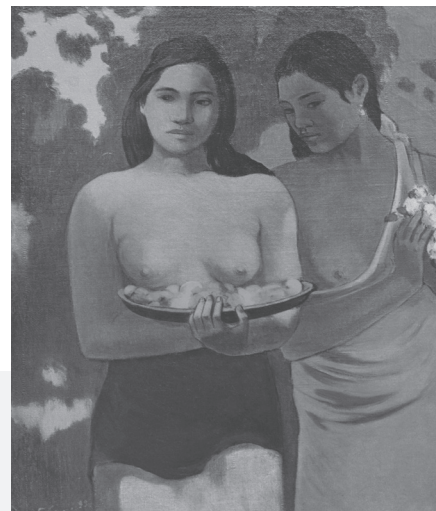
SAO PAULO, BRASIL – setembro 2014 – índios brasileiros apoiam candidato presidencial. Campanha política de 2014.

A cultura, por muitas vezes na história, foi um fator que serviu de base para classificar uma sociedade como “civilizada” ou desenvolvida. Esse método foi denominado comparativo (a morfologia social). Porém, essa análise, em geral, era (e ainda hoje é) feita sob a ótica do dominante, a partir das suas características culturais. Somente depois do advento da Antropologia recente foi possível a realização de uma análise mais crítica desse processo.

O que há de mais cruel ainda é que, como todos os progressos da espécie humana os afastam sem cessar de seu estado primitivo, quanto mais acumulamos novos conhecimentos, tanto mais nos privamos dos meios de adquirir o mais importante de todos, o qual consiste, num certo sentido, em que à força de estudar o homem é que nos torna incapazes de o conhecermos.

É fácil ver que é nessas mudanças sucessivas da constituição humana que é preciso procurar a primeira origem das diferenças que distinguem os homens, os quais, de comum acordo, são naturalmente tão iguais entre si quanto o eram os animais de cada espécie antes de diversas causas físicas terem introduzido em alguns as variedades que notamos.

Duas taitianas com flores de manga, 1899. Nessa obra o artista Paul Gauguin tentou expressar a vontade de encontrar a bondade natural em culturas nativas, decepcionado que estava com a Europa urbana, industrial e “civilizada”.



Efetivamente, não é concebível que essas primeiras mudanças, por quaisquer meios que se tenham realizado, tenham alterado, ao mesmo tempo, e da mesma maneira, todos os indivíduos da espécie; mas, tendo uns se aperfeiçoado ou deteriorado e adquirido diversas qualidades, boas ou más, que não eram inerentes à sua natureza, permaneceram os outros mais tempo em seu estado original; e tal foi, entre os homens, a primeira fonte da desigualdade, mais fácil de demonstrar assim, em geral, do que assinalar com precisão as suas verdadeiras causas.

Que os meus leitores não imaginem, pois, que ousou me vangloriar de ter visto o que me parece tão difícil de ver. Comecei alguns raciocínios, arrisquei algumas conjecturas, menos na esperança de resolver a questão do que na intenção de esclarecer e de reduzir ao seu verdadeiro estado. Outros poderão, facilmente, irem mais longe no mesmo caminho, sem que seja fácil a ninguém chegar ao termo; porque não é empresa suave discernir o que há de originário e artificial na natureza atual do homem, e conhecer bem um estado que não existe mais, que talvez não tenha existido, que provavelmente não existirá nunca, e do qual é, contudo, necessário ter noções justas, para bem julgar do nosso estado presente. Seria preciso mesmo que tivesse mais filosofia do que se pensa quem pretendesse determinar as precauções que tomar para fazer sobre este assunto sólidas observações; e uma boa solução do problema seguinte não me pareceria indigno dos Aristóteles e dos Plínio do nosso século: Que experiências seriam necessárias para chegar a conhecer o homem natural? e quais são os meios de fazer essas experiências no seio da sociedade? Longe de empreender resolver esse problema, creio ter meditado bem o assunto para ousar responder de antemão que os maiores filósofos não serão muito bons para dirigir essas experiências, nem os mais poderosos soberanos para as fazer; não é razoável esperar esse concurso, principalmente com a perseverança, ou antes, a sucessão de luzes e de boa-vontade necessária de ambas as partes para conseguir o sucesso.

Oh homem, de qualquer região que sejas, quaisquer que sejam as tuas opiniões, escuta: eis a tua história, tal como julguei lê-la, não nos livros dos teus semelhantes, que são mentirosos, mas na natureza, que não mente nunca. Tudo o que partir dela será verdadeiro; de falso só haverá o que eu acrescentar de meu sem o querer. Os tempos de que vou falar são bem remotos: como estás diferente do que eras! É, por assim dizer, a vida de tua espécie que te vou descrever segundo as qualidades que recebeste, que tua educação e teus hábitos puderam depravar, mas que não puderam destruir. Há, eu o sinto, uma idade na qual o homem individual desejaria parar: tu procurarás a idade na qual desejarias que a tua espécie parasse. Descontente do teu estado presente pelas razões que anunciam à tua posteridade infelizes maiores descontentamentos ainda, talvez quisesses retrogradar; e esse sentimento deve constituir o elogio dos teus primeiros ancestrais, a crítica dos teus contemporâneos e o espanto dos que tiverem a desgraça de viver depois de ti.

Jean-Jacques Rousseau (Discurso sobre a origem da desigualdade)

A DEFINIÇÃO DE CULTURA NA ANTROPOLOGIA CLÁSSICA

EDWARD TYLOR E O MÉTODO COMPARATIVO E A ANTROPOLOGIA DE GABINETE

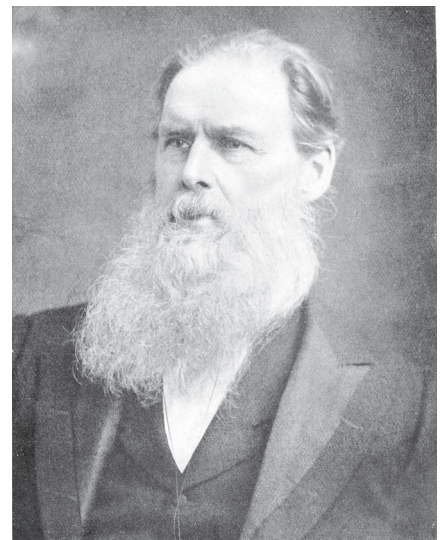


Nova Guiné, 4 de dezembro de 2008:
guerreiros tribais tocando tambores durante a ritual.

antropólogo, na sua obra "Cultura Primitiva e Antropologia", a cultura significa todo um complexo cujas principais características são: conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e as capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade. Segundo Tylor, o ser humano conseguiu superar suas dificuldades e satisfazer suas necessidades através da cultura, o que se constitui como um dos mais importantes meios para a evolução da sociedade ou de um determinado grupo social.

A antropologia surgiu sob a face de relatos e descrições feitas por viajantes e artistas que muitas vezes eram contratados para que levassem nas suas viagens anotações sobre os povos encontrados, seus hábitos, normas e crenças. Esses relatos eram estudados em gabinetes dos especialistas. Todavia, não eram feitas, até então, pesquisas de campo que comprovassem a veracidade de tais relatos.

Edward Tylor é um dos criadores do conceito moderno de cultura. Segundo o nosso



Edward Burnett Tylor – Antropólogo



DELHI, ÍNDIA – Festival Holi, 08 de março de 2012. O ritual marca a chegada da primavera, sendo um dos maiores festivais da Índia.

Para Tylor a cultura é adquirida pelo homem como partícipe da sua sociedade ou do seu grupo. Nesse aspecto, ele analisa a cultura numa **vertente evolucionista, estabelecendo um método comparativo** para classificar e analisar grupos mais desenvolvidos. O método comparativo foi o meio usado por Tylor para justificar a evolução cultural segundo leis gerais que regem a própria natureza, fundamentando-se nas teorias de Charles Darwin.

Tylor entendia a cultura como um fenômeno natural, e como tal poderia ser analisado sistematicamente, visando a formulação de leis que explicassem sua gênese e transmissão. A diversidade cultural, por exemplo, era explicada por Tylor como resultado da desigualdade dos estágios evolutivos de cada sociedade. Assim, caberia à antropologia a tarefa de estabelecer uma escala civilizatória com dois extremos: um representado pelas sociedades europeias; e o outro pelas comunidades periféricas, ficando claro o princípio evolucionista unilinear. Neste sentido, antropologia daria o maior exemplo de etnocentrismo, institucionalizado pela própria ciência.

(site <http://www.antropologia.com.br>)

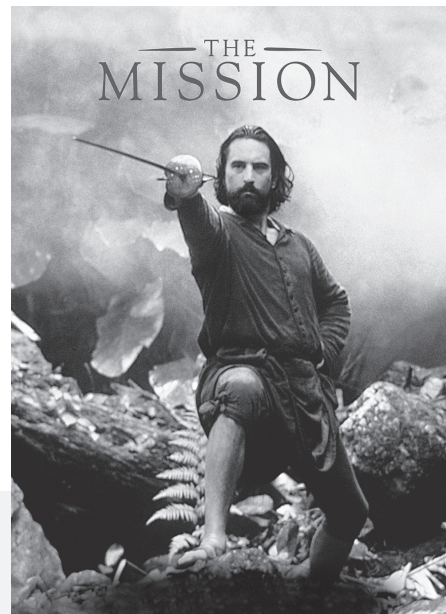
O DARWINISMO SOCIAL

Embora Charles Darwin não tenha feito uma relação direta entre as leis da seleção natural e a cultura no sentido antropológico, as suas teorias, durante muito tempo, foram usadas como meio para interpretar o comportamento social e o desenvolvimento da cultura em determinados grupos que eram, até então, desconhecidos por boa parte dos especialistas. Por isso, o contexto da neocolonização europeia, no século XIX, constituiu-se como meio importante para que a cultura de outros povos fossem estudadas, comparadas e classificadas. Surgem dessas interpretações, teorias consideradas hoje, como etnocêntricas, racistas e eurocêntricas.

Foi a partir desses estudos que se convencionou relacionar os aspectos da formação biológica como um fator determinante para o desenvolvimento de um povo ou de uma sociedade. Os aspectos étnicos passaram a ser observados como fundamen-

tais para a classificação de grupos sociais e de suas particularidades, surgindo daí o termo "darwinismo social", ou seja, essa expressão foi o resultado da associação das teses de Charles Darwin com o contexto sociocultural.

Estudiosos como Herbert Spencer, Tylor e Comte, observaram que as leis que regem a natureza como competição e concorrência seriam as mesmas leis que determinariam o desenvolvimento de uma sociedade e a sua evolução cultural submetida a um fracasso ou a um sucesso, surgindo daí a tese do determinismo biológico, segundo a qual os fatores genéticos que formam um determinado povo seriam o critério preponderante para o seu desenvolvimento. Todavia, sabemos que hoje esses mecanismos de estudo e fundamentação teórica justificaram a dominação europeia e serviram como ideologia para a lógica da exploração através da qual existiriam culturas superiores e inferiores conforme o critério da formação biológica. Por isso, decorreu daí a ideia de que sociedades miscigenadas jamais atingiriam um estágio positivo na escala da evolução social.



O filme "The Mission" se passa no séc. XVIII, na América do sul, em um território entre as fronteiras do atual Brasil, Paraguai e Argentina, que é utilizado como a missão jesuítica de São Carlos junto aos povos Guaranis. A obra se inicia com uma cena do corpo de um Padre sendo amarrado a uma cruz e jogado às correntezas de uma cachoeira. Para substituir esse Padre é enviado a missão o Irmão Gabriel, interpretado por Jeremy Irons. A Missão de São Carlos é de muito difícil acesso, visto que Gabriel precisa escalar uma grande montanha para que lá pudesse chegar e desenvolver seus trabalhos missionários.

BRONISLAW MALINOWSKI E A PESQUISA DE CAMPO

Se Edward Tylor deu o ponto de partida para a sistematização da Antropologia, foi com Malinowski que essa ciência teve uma grande ascensão. Sobretudo pelo novo método que desenvolveu, partindo do princípio que o antropólogo deveria ir à campo para estudar culturas tão distantes e diferentes. Devido a isso foi possível conhecer povos e grupos sociais que antes não se tinha notícia da sua existência. A partir daí nasceu o **método funcionalista**, que estabelecia o critério *in loco* para investigar o seu objeto de estudo.

Segundo essa nova antropologia era necessário conviver para conhecer. Dessa forma seria possível conhecer as particularidades culturais de cada grupo, compreendendo a sua funcionalidade e a função desempenhada por cada membro do grupo de uma determinada sociedade.

Já estava em voga a crítica feita aos antropólogos comparativistas ou evolucionistas por não darem ênfase ao trabalho *in loco*. Por isso sua antropologia foi apelidada de **antropologia de gabinete** pelo fato dos pesquisadores, até então, ficarem nos seus escritórios analisando relatos e documentos acerca de uma determinada cultura sem pelo menos conhecê-la. De fato, para sabermos sobre um determinado povo, a melhor forma é conviver com esse povo para compreender suas particularidades e diferenças. Tais aspectos não eram levados em conta no método comparativo de Tylor, uma vez que sua base era evolucionista, fundamentando-se no fato de que a cultura era regida por leis naturais e gerais.



Selo impresso na Polônia mostra o antropólogo Polonês Bronislaw Malinowski Kasper e um grupo de dançarinos da Nova Guiné. POLÔNIA – 1973.

FAVELAS DO RIO TERÃO PROGRAMAÇÃO CULTURAL E PROMOVERÃO DEBATES PARA RECEBER COMITIVAS DA RIO+20

08/05/2012

Flávia Villela
Repórter da Agência Brasil

Rio de Janeiro — Comunidades do Rio de Janeiro estão programando uma maratona de atividades culturais, debates, oficinas e apresentações de projetos sociais para receber participantes da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, que será realizada na capital fluminense na última semana de junho.

O projeto que está sendo coordenado pela Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos inclui a visita de chefes de Estado e integrantes dos países que participam da conferência a algumas comunidades. Entre os dias 14 e 19 de junho

as comitivas vão conhecer as favelas do Cantagalo/Pavão-Pavãozinho, Chapéu Mangueira/Babilônia, Cidade de Deus, Rocinha/Vidigal/Chácara do Céu, na zona sul, e Complexo do Alemão, na zona norte.

De acordo com o superintendente de Territórios da secretaria, Daniel Misse, diferentemente do que ocorreu na conferência Rio 92, onde esses locais eram tidos como ameaça ao evento e havia tanques apontados para as comunidades, na Rio+20, elas farão parte da agenda do evento.

“Um quarto da população do Rio vive nas favelas [1,2 milhão]. Não podemos pensar no futuro que queremos sem incluir essas pessoas no processo de desenvolvimento sustentável”, destacou.

“A ideia é incluir as entidades que atuam nessas comunidades na discussão e nas tomadas de decisão sobre as ações de desenvolvimento da cidade. Nesse processo, grupos locais estão se formando, lideranças comunitárias se unindo e se articulando e vão continuar a discutir e promover ações locais sustentáveis dentro de suas comunidades”, completou.

O Morro do Vidigal vai promover um Arrastão Cultural Sustentável, no dia 18 de junho, com atividades culturais, ambientais, teatro, desfile de moda sustentável, capoeira, jiu-jitsu e rugby. Moradora do Morro do Vidigal, na zona sul, Julia Giglio acredita que a visita será uma oportunidade única de dar visibilidade aos projetos da comunidade e de incentivar novas parcerias. Ela é diretora da organização não governamental (ONG) Todos na Luta, que promove inclusão social de jovens e adolescentes por meio do boxe, de atividades esportivas e culturais na comunidade.

“As instituições que trabalham aqui no Vidigal vão poder falar também das necessidades da comunidade e apresentar as potencialidades e dificuldades de seus projetos, além de fazer contatos com entidades e atores estrangeiros”, comentou.

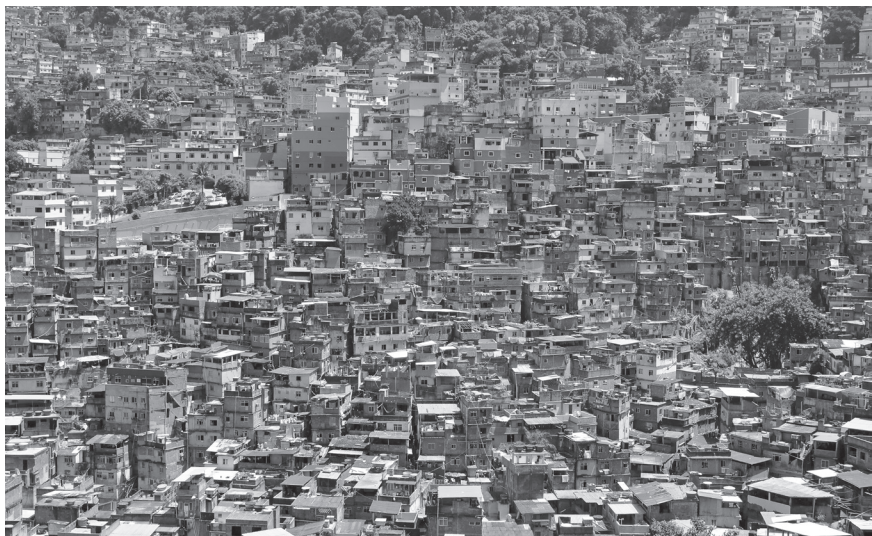
Para a gestora local da secretaria de assistência social, Vanessa Nolasco Ferreira, o maior objetivo da visita é que as atividades e as ações que estão sendo organizadas a partir da Rio+20 sirvam de legado para os moradores e deem frutos a novos projetos de sustentabilidade.

“Na semana passada houve uma oficina de capacitação de produção de projetos relacionados à Rio+20, por exemplo, que serviu para mobilizar e preparar entidades do Vidigal a concorrer a editais de captação de patrocínios”, explicou.

As comunidades do Cantagalo/Pavão/Pavãozinho, em Ipanema, zona sul, vão organizar uma grande feira de economia solidária com passeio pelas comunidades para conhecer projetos sociais e artistas locais.

No Leme, nos morros do Chapéu Mangueira e Babilônia, além da feira, haverá nos dias 14 e 15 de junho, Festa Junina e apresentações de projetos em vários pontos das comunidades. Na Cidade de Deus, haverá a segunda edição dos Jogos Abertos da Cidade de Deus e a Jornada de Educação Socioambiental – CDD e Maré rumo à Rio+20.

Na Rocinha, no dia 19 de junho, os moradores vão entregar um documento sobre desenvolvimento sustentável e políticas de educação que podem contribuir de forma mais efetiva para o desenvolvimento da comunidade. O roteiro começa no Parque Ecológico da Rocinha e termina na escola de samba com o evento de entrega do documento e uma feijoada.

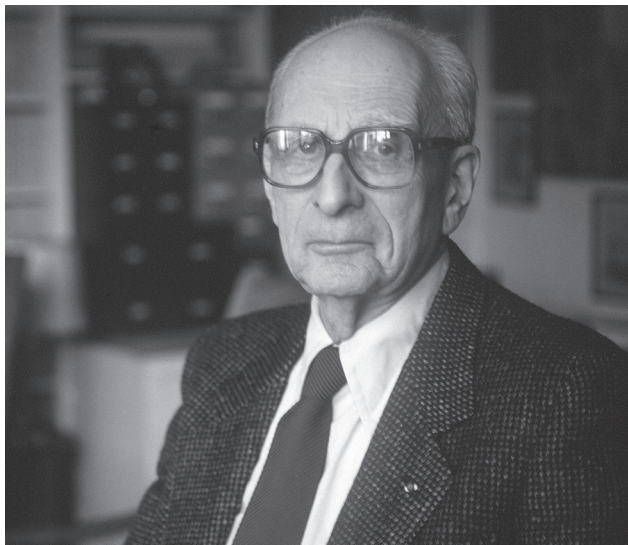


Comunidade do Rio de Janeiro

Edição: Lílian Beraldo

CLAUDE LÉVI-STRAUSS E O ESTRUTURALISMO

Coube aos estudos antropológicos de Lévi-Strauss analisar, ao contrário dos funcionalistas, as estruturas culturais mais gerais de uma sociedade e não enfatizar apenas as particularidades e os pontos que diferenciam uma cultura da outra. Para o **estruturalismo** era necessário analisar os aspectos universais de uma cultura e os pontos comuns entre povos tão distintos entre si. Por isso, aspectos como a linguagem, a religiosidade e a organização social passam a ser fatores mais relevantes nos estudos de uma determinada sociedade.



Claude Lévi-Strauss. Bruxelas, 28 de novembro de 1908 — Paris, 30 de outubro de 2009. Foi um antropólogo, professor e filósofo francês.

“O Novo Mundo significa antes de mais nada que ele não foi o nosso, e que carregamos o crime de sua destruição; e que, em seguida, não haverá outro igual: saibamos ao menos, reduzidos a nós mesmos por essa confrontação, expressá-la nos seus termos primeiros — em um lugar, e nos transferindo para um tempo em que nosso mundo perdeu a oportunidade que lhe era oferecida de escolher entre as suas missões”. (Lévi-Strauss: 1996, p. 371)

As pesquisas de Lévi-Strauss criaram um novo campo conceitual, dando foco à ruptura com o dualismo tradicional **eurocêntrico** e **etnocêntrico** que sempre privilegiaram as culturas letradas e intelectualizadas em detrimento daquelas que viviam na **oralidade**. Romper com essas **dicotomias** — povo primitivo e povo desenvolvido, povo selvagem e povo civilizado — representou uma ruptura com a **antropologia positivista**, levando as análises darwinistas para o campo social. Para Lévi-Strauss as características que constituem os seres humanos são as mesmas. As estruturas de comunicação e a estruturação da linguagem são elementos comuns a todos os povos conforme a necessidade de cada um, por isso uma das bases para essa sustentação foram as inúmeras pesquisas que

fizera no Brasil, junto às tribos de indígenas das Américas do Sul e do Norte.

A busca pelas **harmonias inovadoras** em torno da linguagem foi um fator importante para a compreensão dos mecanismos de comunicação pautados por códigos universais. Assim o ser humano produz seus símbolos na medida em que formula através dos códigos linguísticos toda uma estrutura de comunicação: quer seja através da dança, da culinária, das crenças, quer seja através da linguagem escrita ou falada: **erudita ou popular**. Em todos esses aspectos, aparentemente distintos, existe um elemento que torna comum tal manifestação: capacidade humana de pensar, interpretar e expressar o pensamento através de conceitos, manifestados em símbolos que constitui a cultura de um determinado povo.

“Respondemos parcialmente à pergunta, ou melhor, os indígenas o fizeram por nós. Antes de mais nada, as pinturas do rosto conferem ao indivíduo sua dignidade de ser humano;

operam a passagem da natureza à cultura, do animal “estúpido” ao homem civilizado. Em seguida, diferentes quanto ao estilo e à composição segundo as castas, expressam numa sociedade complexa a hierarquia dos status. Possuem, assim, uma função sociológica.” (Lévi-Strauss: 1996, p. 183)



O antropólogo, filósofo e escritor Claude Lévi-Strauss, em 1938, durante uma das expedições no interior do Brasil

É imensurável a contribuição que Lévi-Strauss nos deu com o célebre livro “Tristes Trópicos” que se constituiu como um verdadeiro relato sobre a interiorização dessa vasta, regional e diversificada cultura brasileira. Nesse sentido se dispunha a encontrar os vestígios perdidos dessa cultura brasileira que tanto foi surrupiada no decorrer do período colonial e que continuou a sê-lo até as décadas mais recentes da história do Brasil.

TEXTO I

“Tristes Trópicos” é um dos livros mais importantes do século 20

Em 1954, a editora francesa Plon encomendou ao jovem Jean Malaurie, especialista em populações esquimós e lapônias, uma coleção etnográfica intitulada “Terra Humana”.

Malaurie, então, pediu a Claude Lévi-Strauss um relato de suas viagens. Em quatro meses, o aproveitou o título: “Tristes Trópicos”.

“Eu tinha uma bolsa cheia que tinha vontade de esvaziar”, contou. E o que ele colocou disto na obra não foi apenas seu conhecimento, mas também sua alma: esta é a diferença entre um relato erudito, mesmo de alto nível, e uma obra de arte.

Em seu livro, o austero e discreto antropólogo está evidentemente dividido entre um desejo de liberdade e o trabalho científico. Finalmente, porém, decide permitir-se a liberdade para escrever uma obra audaciosa, quase antinatural, já que não hesita em empregar a primeira pessoa do singular ao defender a ideia de que “o ‘eu’ é odioso”.

Após um aparentemente paradoxal “ódio às viagens e aos exploradores”, 500 páginas extraordinárias trazem o relato das aventuras e das descobertas que fez, acompanhadas de lúcidas reflexões.

Moralista, Lévi-Strauss analisa nesta “autobiografia intelectual” as relações entre o velho e o novo mundo, o lugar do homem na natureza, o sentido da civilização e do progresso.

O sucesso foi imediato, e as críticas, entusiasmadas. Às vésperas de anunciar os vencedores de seu prestigiado prêmio, a academia Goncourt lamentou não poder concedê-lo ao livro de Lévi-Strauss, já que não era um romance. Apenas os cientistas receberam a obra com reservas, impacientes por ver seu colega transitar entre o terreno científico e o mundo do romance.

“Os etnólogos me acusam de ter feito um trabalho de fã, e o público afirma ser um livro erudito. Tudo isto é indiferente para mim”, disse na época o autor.

“Tristes Trópicos” foi traduzido para diversas línguas e reeditado outras tantas vezes. Claude Lévi-Strauss o considerava um livro escrito “rápido demais e sem reflexão”.

“Insólitas, desconcertantes, desvairadas, saltando as épocas, os anos, as estações, palpitações, as fulgurações de ‘Tristes Trópicos’ são do tipo que traçam caminhos na noite. E isso ainda perdura”, escreveu a ensaísta Catherine Clément, amiga e especialista da obra de Lévi-Strauss.

(Folha de São Paulo – online)

TEXTO II

(...) Quando cheguei ao Brasil para participar dessa fundação, julguei – lembro-me ainda – a condição humilhante de meus colegas locais com uma compaixão um pouco arrogante. Ao ver aqueles professores miseravelmente pagos, obrigados, para comer, a fazer obscuros trabalhos, senti o orgulho de pertencer a um país de velha cultura onde o exercício de uma profissão liberal era cercado de garantias e de prestígio. Não desconfiava que, vinte anos depois, meus alunos necessitados de então ocupariam cátedras universitárias, às vezes mais numerosas e melhor equipadas do que as nossas, servidos por bibliotecas como gostaríamos de possuir.

O Brasil esboça-se em minha imaginação como feixes de palmeiras torneadas, ocultando arquiteturas estranhas, tudo isso banhado num cheiro de defumador, detalhe olfativo introduzido sub-repticiamente, ao que parece, pela homofonia observada de forma inconsciente entre as palavras Brésil e grésiller [“Brasil” e “crepitar”], e que, mais do que qualquer experiência adquirida, explica que ainda hoje eu pense primeiro no Brasil como num perfume queimado. Consideradas retrospectivamente, essas imagens já não me parecem tão arbitrarias. Aprendi que a verdade de uma situação não se encontra em sua observação cotidiana, mas nessa destilação paciente e fragmentada que o equívoco do perfume talvez já me convidasse a pôr em prática, na forma de um trocadilho espontâneo, veículo de uma lição simbólica que eu não estava em condições de formular claramente. Menos do que um percurso, a exploração é uma escavação: só uma cena fugaz, um canto de paisagem, uma reflexão agarrada no ar permitem compreender e interpretar horizontes que de outro modo seriam estéreis. (Lévi-Strauss: 1996, p. 45-46)

(...) O conjunto dos costumes de um povo é sempre marcado por um estilo; eles formam sistemas. Estou convencido de que esses sistemas não existem em número ilimitado, e que as sociedades humanas, assim como os indivíduos – em seus jogos, seus sonhos ou seus delírios – , jamais criam de modo absoluto, mas se limitam a escolher certas combinações num repertório ideal que seria possível reconstituir. Fazendo o inventário de todos os costumes observados, de todos os imaginados nos mitos, destes também evocados nos jogos das crianças e dos adultos, nos sonhos dos indivíduos saudáveis ou doentes e nos comportamentos psicopatológicos, chegaríamos a elaborar uma espécie de quadro periódico como o dos elementos químicos, no qual todos os costumes reais ou simplesmente possíveis apareceriam reunidos em famílias, e no qual só nos restaria identificar aqueles que as sociedades de fato adotaram. (Lévi-Strauss: 1996, p. 167)

TEXTO COMPLEMENTAR I

Um país forma sua identidade, principalmente pela tradição e pela preservação dos costumes populares. O folclore é composto de mitos e lendas. As lendas são histórias que passam de geração em geração pela tradição oral e os mitos são criações populares para explicar fatos científicos que eles não compreendiam bem ou simplesmente para assustar, principalmente as crianças, como o bicho-papão, por exemplo. As histórias, contos, lendas, cânticos religiosos, adágios populares e trovas brotadas da alma de um povo é que retratam bem a "fotografia" daquela nação e como esta se mostra para o mundo. As diversas raças que deram origem ao povo brasileiro, nos transmitiram o seu conhecimento atávico, as suas crenças, o seu modo de se expressar e as suas cantigas agitadas como o batuque dos negros ou ternas e lânguidas como a modinha portuguesa.

O folclore conserva esse passado na sua essência, embora nos chegue modificado pela ação do tempo. O fandango, a luta entre cristãos e mouros e mesmo o bumba-meu-boi, a festa do Divino, a congada perpetua bailados ou os faz desaparecer para ressuscitá-los depois, sempre com o feitio e cor original ou modificado pela engrenagem da máquina do tempo que muda o sentido das palavras. O folk-lore é muito anterior a 22 de agosto de 1846 quando William John Thoms criou o termo para designar as crenças e lendas populares.

O desenvolvimento industrial, a tecnologia avançada não destrói o folclore. Não apenas contos (folks-tales) e contos, mas, hábitos, costumes, gestos, superstições, alimentação, mezinhas, indumentária, sátiras, lirismo tudo constitui a história daquele grupo social, chegado até nós pela tradição oral. Onde estiver o homem viverá uma fonte de criação, preservação e divulgação dos hábitos daquele clã e cultura daquele povo; em qualquer deles estará aí, vívida e atuante a cultura sagrada, hierárquica, veneranda, reservada para a iniciação, a tradição oral e coletiva, destinada a manter usos e costumes por muitos séculos. No Brasil, inúmeros e importantes historiadores dedicaram-se ao estudo do folclore nacional, como por exemplo Luís Câmara Cascudo, João Ribeiro, Gustavo Barroso, Sílvio Romero, entre outros. A riqueza do nosso folclore é ímpar, pois, três povos ajudaram a criar a nossa identidade cultural: o luso, o negro e o índio.

Temos os reisados e cheganças, o bumba-meu-boi, o carnaval, o candomblé, as cavalhadas, a festa de reis, o maracatu. Mitos temos inúmeros, não fosse o povo brasileiro profundamente criativo: o boitatá, o boto, o curupira, o lobisomem (esse herdado dos europeus) a mãe d' água, o corpo-seco, as assombrações, a mula sem cabeça, o saci, o velho do surrão. As adivinhações, os provérbios, as trovas (de origem portuguesa) a literatura de cordel, as "incelênças" nordestinas. Realmente, um estudo encantador, fascinante e muito rico o estudo do folclore! Bom que hoje seja tão festejado, pois, a elite social e intelectual do Brasil só tomou conhecimento dele com a chegada do Romantismo, no sec. XIX.

(<http://www.brasilcultura.com.br/antropologia/brasil-folclorico-artigo>)

TEXTO COMPLEMENTAR II

Acabo de chegar de Maceió, onde falei sobre "rituais de passagem" na décima edição do Pajuçara Management. Discorri sobre um assunto anormal num encontro de empresários. Falei de coisas velhas para pessoas dedicadas ao novo. Rituais e símbolos, porém são os 2% dos tais 2% que nos distinguem dos macacos.

Fiz novos amigos e viajei no tempo, porque quando menino de 8 anos, em plenos anos 40, morei em Rio Largo e, depois, em Maceió numa casa que minha saudosa mãe chamava de "castelinho", localizada na Ponta da Terra. Com um mapa, Sergio Moreira, meu generoso anfitrião em Alagoas, mostrou como esse bairro hoje faz parte de uma ampla malha urbana. Um conjunto litorâneo que, graças à hospitalidade de Bruno Cavalcanti e Rachel Rocha Barros, nós vivenciamos visitando seus sítios mais interessantes e recebendo vastas doses de história e sociologia do Nordeste — esse berço de Brasil.

Acompanhava tudo isso um menino chamado Roberto que, de quando em vez, surgia para relembrar o sabor do sururu comido pela primeira vez em 1942 e confirmado nestes 2012 por um homem de espaçosas 75 primaveras. O mesmo ocorreu naqueles segundos que antecedem a formalidade da palestra. Pois foi num camarim muito confortável que me veio à memória a moeda reluzente de um cruzeiro, a nova unidade monetária nacional criada em 1942, a qual usei de imediato para comprar um "quebra-queixo" ou uma tapioca na praia sem calçada e automóveis, localizada perto de nossa casa.

Os hospedeiros generosos falavam dos primeiros anos da República dominada pelo nepotismo alagoano então (?) normal dos FONSECAS — o marechal Hermes era sobrinho do igualmente marechal Deodoro —, ambos alagoanos; e, dentro de mim, surgia nítida, como as águas da Praia do Francês, a imagem de uma superfortaleza voadora americana B-25, sobrevoando a antiga Maceió, provavelmente indo de Caravelas para Natal, onde os americanos tinham bases navais e aéreas que foram instrumentais para a conquista do Norte da África e, em seguida, para a invasão da Sicília pelo seu 4º Exército.

Ao lado disso, surgiam figuras de marinheiros e soldados americanos risinhos, distribuindo chocolates para os meninos e cigarros Chesterfield para os adultos, que admiravam a sua qualidade e o azul inefável de sua fumaça. E seguia a caixa

de Pandora das minhas recordações, trazendo intacto o momento em que esse mesmo pai, Renato, me deu uma primeira Coca-Cola, com as seguintes palavras: "Prove esta bebida inventada pelos americanos! "Provei e senti o gosto imprevisível na boca do menino habituado aos refrescos caseiros de graviola e cajá.

Essa Maceió de gostos imprevisíveis era bem diferente da cidade previsível que eu percorria. E novamente o menino se retornava lembrando os comentários de meu pai ao retornar de uma tarde dançante tocada a big band num clube de oficiais da Marinha americana: "É incrível — diz meu pai que foi um baiano ciumento mesclado do horror a ser traído pela mulher, esse terror aprendido numa Manaus, onde todos os homens andavam armados — como esses americanos deixam suas mulheres dançar com outros homens..."

Durante anos, essa frase rondou minha vida, tendo sido decisiva na construção de minha masculinidade. Mas minha mãe Lulita, uma exímia pianista, proibida de dançar com outros homens, vingava-se tocando no seu piano uma bela música americana, cujo nome intrigava o casal. Era a canção Tangerine (de 1941), que falava de uma mulher pela qual todos se apaixonavam, mas ela somente flertava a si mesma. Meus pais achavam graça que uma música tivesse o nome de uma fruta. Coisas de americanos...

Tempos em que ainda havia ciúme. Tempos em que tudo era grande e o mundo imenso.

Roberto DaMatta — O Estado de S.Paulo

NOTÍCIAS DA ANTROPOLOGIA BRASILEIRA



Falar de antropologia brasileira é relembrar o papel desempenhado por importantes pesquisadores como Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Grandes pesquisadores que tentaram compreender à luz da ciência a formação do povo brasileiro e um pouco da sua cultura.

É bem verdade que o Movimento da Semana de Arte Moderna já tinha lançado as bases para um enaltecimento das raízes culturais brasileiras através da exposição de obras de arte de Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, por exemplo. A semana de 22 foi fundamental para reafirmar a importância da identidade cultural e o reconhecimento da mesma como um fator preponderante na valorização da formação de um povo. Além

disso, esse movimento chamou a atenção para constituição miscigenada do povo como ponto positivo da diversidade cultural, colocando essa diversidade como a principal característica da identidade nacional brasileira.

Foi, porém, com os estudos de Gilberto Freyre que se passou a compreender o caráter complexo do povo brasileiro. Na obra "Casa grande e Senzala", Freyre descreve com maestria o cotidiano dos indivíduos, dos senhores e dos escravos, dá-nos a consciência de que trazemos na alma a sombra do negro, do índio e do branco. Desperta nossa curiosidade, ao descrever as relações sociais das principais personagens da casa grande e da senzala. De forma científica elabora, passo a passo, os vários campos de interesses que acercavam a gênese do povo brasileiro, com sua mestiçagem, contradição e beleza.

"Casa-Grande & Senzala foi a resposta à seguinte indagação que eu fazia a mim próprio: o que é ser brasileiro? E a minha principal fonte de informação foi eu próprio, o que eu era como brasileiro, como eu respondia a certos estímulos (...) Eu venho procurando redescobrir o Brasil. Eu sou rival de Pedro Álvares Cabral. Pedro Álvares Cabral, a caminho das Índias, desviou-se dessa rota, parece já baseado em estudos portugueses, e identificou uma terra que ficou sendo conhecida como Brasil. Mas essa terra não foi imediatamente auto-conhecida. Vinham sendo acumulados estudos sobre ela... mas faltava um estudo convergente, que além de ser histórico, geográfico, geológico, fosse... um estudo social, psicológico, uma interpretação. Creio que a primeira grande tentativa nesse sentido representou um serviço de minha parte ao Brasil." (Gilberto Freyre)

Esse estudo sobre o povo brasileiro foi aprofundado com o antropólogo Darcy Ribeiro que nos deixou, através da sua obra mais importante, “Povo Brasileiro”, um vivo e autêntico relato da formação do nosso povo e nossa diversidade cultural. É com um relato científico e apaixonado que Darcy Ribeiro fala desse povo como consequência de um parto doloroso cujos laços maternos nos apontam para as matrizes africana, europeia e indígena que, nas palavras de Ribeiro, desafrikanizaram, deseuropeizaram e desindianizaram, ou seja, deixaram de ser matrizes na suas origens para que, nessas novas terras, formassem o povo brasileiro.

“(...) uma só gente, pertencente a uma mesma etnia. Vale dizer, uma entidade nacional distinta de quantas haja, que fala uma mesma língua, só diferenciada por sotaques regionais, menos remarcados que os dialetos de Portugal. Participando de um corpo de tradições comuns mais significativo para todos que cada uma das variantes subculturais que diferenciaram os habitantes de uma região, os membros de uma classe ou descendentes de uma das matrizes formativas. Mais que uma simples etnia, porém, o Brasil é uma etnia nacional, um povo-nação, assentado num território próprio e enquadrado dentro de um mesmo Estado para nele viver seu destino.”

TEXTO COMPLEMENTAR III

A antropofagia era também uma expressão do atraso relativo dos povos Tupi. Comiam seus prisioneiros de guerra porque, com a rudimentaridade de seu sistema produtivo, um cativo rendia pouco mais do que consumia, não existindo, portanto, incentivos para integrá-lo à comunidade como escravo. Muitos outros povos indígenas tiveram papel na formação do povo brasileiro. Alguns deles como escravos preferenciais, por sua familiaridade com a tecnologia dos paulistas antigos, como os Paresi. Outros, como inimigos irreconciliáveis, imprestáveis para escravos porque seu sistema adaptativo contrastava demais com o dos povos Tupi. É o caso, por exemplo, dos Bororo, dos Xavante, dos Kayapó, dos Kaingang e dos Tapuia em geral. O contraste maior se registrou entre aquele povo mameluco, que se fazia brasileiro, e um contendor realmente capaz de ameaçá-lo, que eram os Guaikuru, também chamados índios cavaleiros. Adotando o cavalo, que para os outros índios era apenas uma caça nova que se multiplicava nos campos, eles se reestruturaram como chefaturas pastoris que enfrentaram vigorosamente o invasor, infringindo-lhe derrotas e perdas que chegaram a ameaçar a expansão europeia. Um dos cronistas da expansão civilizatória sobre seus territórios nos diz, claramente, que “pouco faltou para que exterminassem todos os espanhóis do Paraguai” (Félix de Azara apud Holanda 1986:70). Francisco Rodrigues do Prado (1839:I, 15), membro da Comissão de Limites da América hispânica e da portuguesa, avaliou em 4 mil o número de paulistas mortos por eles ao longo das vias de comunicação com Cuiabá.

Esses índios Guaikuru estavam como que propensos para essa via evolutiva. Primeiro, por sua própria constituição física, que maravilhou a quantos europeus os observaram na plenitude do seu desempenho. Eles são descritos como guerreiros agigantados, muitíssimo bem proporcionados, que, nos diz, “duvido que haja na Europa povo algum que, em tantos e tantos, possa comparar-se com estes bárbaros” (Félix de Azara apud Holanda 1986:78). Sanches Labrador (1910:I, 146), o jesuíta espanhol que os doutrinou por longos anos, falando embora de índios encolhidos debaixo de peles para fugir das frialdades impiedosas que às vezes caem sobre aquelas regiões, nos diz que “não há imagem mais expressiva de um Hércules pintado”.

(Darcy Ribeiro Povo Brasileiro)

CULTURA POPULAR E CULTURA ERUDITA

Podemos definir a cultura popular como uma manifestação do povo através da informalidade e da espontaneidade. Por outro lado, a cultura erudita representa algo mais rebuscado, seguindo certas regras da erudição ou formalidade.

Essa seria a definição mais imediata quando pensamos nessas duas formas de cultura. Contudo, essa antítese requer outro pressuposto que se fundamenta não apenas nos aspectos elencados acima e sim no comportamento dos indivíduos que representam a cultura popular e a erudita.

Antoine Marguier conduz a Orquestra das Nações Unidas no Fete de la Musique (Victoria Hall) – 23 de junho de 2013, Genebra, Suíça.



Martin Good / Shutterstock.com



Pierre-Yves Babelon – Músico Hiragasy.
O Hiragasy é uma tradição popular musical de Madagascar.

Tanto a cultura erudita quanto a cultura popular fazem referência a uma posição social. Dessa forma, ao falarmos sobre a cultura erudita estamos nos referindo a um determinado seguimento da sociedade cuja formação ocorreu e ocorre através de um saber científico e universitário. Conhecimento esse que exige o cumprimento de regras e o encadeamento lógico, portanto, uma formação acadêmica. A cultura popular, ao contrário, surge como manifestação da simplicidade popular e não requer um embasamento teórico. Um bom exemplo é música clássica e a música popular.

A formação de uma orquestra sinfônica requer critérios rígidos como: a função de cada instrumento, os intervalos entre os movimentos, a leitura da partitura e o papel essencial do maestro. Sem esses elementos não seria possível a descrição de uma orquestra sinfônica. Ao contrário, a manifestação da cultura popular é destituída dessa rigidez de composição de elementos. Por exemplo, o maracatu é um ritmo da tradição do nordeste brasileiro, desenvolvido principalmente nas cidades de Recife e Olinda — estado de Pernambuco — que se contextualiza numa manifestação popular arraigada na formação regional do povo nordestino cuja característica principal é a espontaneidade, sem o critério da regra rígida na musicalidade, o que, de certa forma, facilita o arranjo musical.

Claro que não estamos classificando essas culturas como complexa, a cultura erudita e, como simples, a cultura popular. E muito menos dando um juízo de valor, o que seria no mínimo um etnocentrismo. Ambas têm suas características originais, particulares e a sua beleza. A ênfase que queremos dar aqui é quanto à origem que cada uma tem e os seguimentos sociais aos quais estão associadas.

Segundo o historiador Peter Burke, na obra “Cultura popular e a história moderna europeia”, cultura é uma manifestação popular não oficial do povo comum. Segundo Carlos Rodrigues Brandão quem faz cultura popular ou folclore não está interessado, de *per si*, em conceituar academicamente uma dada realidade ou situação, nem muito menos estabelecer critérios rígidos de execução.

As figuras acima e ao lado são um exemplo da cultura popular. Esse tipo de manifestação encontrou eco nas mãos do mestre Vitalino. Considerado um ceramista popular e músico que conseguiu reproduzir o sentimento do seu povo. Mestre Vitalino — filho de lavradores — aos seis anos de idade começou a modelar pequenos animais com as sobras do barro usado por sua mãe na produção de utensílios domésticos, para serem vendidos na feira de Caruaru do estado de Pernambuco. As atividades como ceramista ficaram no anonimato e permaneceu até 1947. Foi descoberto pelo artista Augusto Rodrigues. A partir daí, Mestre Vitalino começou a ter o seu reconhecimento através da 1ª Exposição de Cerâmica Pernambucana, realizada na cidade do Rio de Janeiro.



lazyllama
Crianças brasileiras tocando percussão no centro histórico do Pelourinho. SALVADOR, BRASIL.

TEXTO COMPLEMENTAR III

A QUESTÃO RACIAL ANALISADA POR FLORESTAN FERNANDES

Cleito Pereira dos Santos

O tema das relações raciais tem sido recorrente nos recentes debates acerca da problemática da discriminação racial e da conseqüente desigualdade de oportunidades a que estão sujeitos brancos e negros dentro da sociedade Brasileira. Neste texto abordaremos a perspectiva teórica de Florestan Fernandes.

RELAÇÕES RACIAIS E RACISMO NO CONTEXTO DA ORDEM CAPITALISTA

Nos anos 50, Florestan Fernandes e Roger Bastide iniciaram uma série de estudos patrocinados pela UNESCO e que tinha como objetivo verificar o suposto caráter democrático das relações raciais no Brasil. Estes estudos culminaram na

modificação substancial da interpretação até então vigente acerca das relações raciais no contexto da sociedade brasileira. De uma sociedade tida como racialmente resolvida passamos à constatação de que os grupos raciais se posicionam diferentemente no interior da ordem social e de que a distribuição das posições sociais está ligada ao preconceito e à discriminação racial praticada contra os negros.

De acordo com Florestan Fernandes:

(...) a sociedade brasileira largou o negro ao seu próprio destino, deitando sobre seus ombros a responsabilidade de reeducar-se e de transformar-se para corresponder aos novos padrões e ideais de homem, criados pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e capitalista.

De certa forma podemos compreender a exclusão do negro do cenário social como consequência direta do processo de abolição da escravidão. Em outras palavras, a inserção do negro aconteceu de forma lenta com a ocupação dos setores mais subalternos na sociedade.

A economia competitiva, como o símbolo da modernização da estrutura produtiva da sociedade brasileira, desenvolveu-se como consequência imediata da abolição da escravidão. Em outras palavras, o negro sofreu as consequências diretas de um processo marcado pelas desiguais condições de acesso às novas ocupações econômicas advindas da mercantilização da economia.

Isto acarretou, antes de tudo, a inserção desigual dos vários grupos raciais na economia competitiva, ressaltada por Fernandes como processo de racionalização econômica em curso visando a constituição de um novo modelo de organização da vida econômica e social. Nesse processo, evidentemente, ainda segundo Fernandes, a integração do negro foi retardada uma vez que o processo imigratório colocado em prática pelo governo nacional priorizou a utilização de braços europeus dentro de uma concepção, então em voga, de que os imigrantes brancos representavam o advento da civilização e da modernização da sociedade nacional. Assim, tomemos a afirmação de Fernandes:

O estrangeiro aparecia, (...), como a grande esperança nacional de progresso por saltos (...). Desse ângulo, onde o "imigrante" aparecesse, eliminava fatalmente o pretendente "negro" ou "mulato", pois entendia-se que ele era o agente natural do trabalho livre.

Neste sentido, Florestan demonstra que o desenvolvimento da economia competitiva em São Paulo solapou as expectativas de negros e mulatos, uma vez que esses estratos raciais não estavam preparados dentro de um quadro de concorrência para enfrentar a adaptabilidade do trabalhador importado para aquelas tarefas condizentes com a nascente economia capitalista. Portanto as oportunidades econômicas não seriam igualmente desfrutadas pelos grupos raciais em função do ponto de partida assimétrico a que foram submetidos.

De acordo com este autor:

(...), o regime escravista não preparou o escravo (e, portanto, também não preparou o liberto) para agir plenamente como "trabalhador livre" ou como "empresário". Ele preparou-o, onde o desenvolvimento econômico não deixou outra alternativa, para toda uma rede de ocupações e de serviços que eram essenciais mas não encontravam agentes brancos. Assim mesmo, onde estes agentes apareceram (como aconteceu em São Paulo e no extremo sul), em consequência da imigração, em plena escravidão os libertos foram gradualmente substituídos e eliminados pelo concorrente branco.

Dessa forma, o negro foi empurrado para os setores mais subalternos no interior da sociedade, pois o trabalho livre não lhe propiciou as condições de inserção nos setores dinâmicos da economia competitiva. Por outro lado, os trabalhadores imigrantes tiveram a seu favor amplas possibilidades de ascensão social em função das condições sociais inerentes à economia de mercado nascente.

A estrutura social fundada no período pós-abolição não absorveu a mão de obra negra em função de que o agente do trabalho escravo não contava com as condições sociais adequadas a esta nova realidade. Ou seja, o negro saindo de um modo de vida escravista encontrou todas as dificuldades de adaptação à estrutura social em construção. O processo de inserção, por consequência, teria que ser doloroso e excludente.

De acordo com Hasenbalg:

(...) com a desagregação do regime escravista, segundo Fernandes, a mudança no status legal de negros e mulatos não se refletiu numa modificação substancial de sua posição social. À falta de preparo para o papel de trabalhadores livres e ao limitado volume de habilidades sociais adquiridas durante a escravidão acrescentou-se a exclusão das oportunidades sociais e econômicas resultantes da ordem social competitiva emergente. Os ex-escravos e homens livres de cor foram relegados a margem inferior do sistema produtivo, dentro de formas econômicas pré-capitalistas e áreas marginais da economia urbana.

Evidentemente que Fernandes atribui ao modo como se organizou a produção tipicamente competitiva o papel de canalizador das tensões vividas pela não incorporação do negro ao mercado de trabalho. De certa forma, ainda segundo este autor, temos a sobrevivência de arcaísmos do passado no interior de uma ordem social competitiva. Em outras palavras, a discriminação racial e o preconceito contra os negros configuram reminiscências do passado que, paulatinamente, perderiam o poder classificatório numa economia de mercado.

Nesse sentido, enquanto um arcaísmo do passado, a discriminação racial e o preconceito constituem elementos fundantes de uma estratificação social segundo critérios bem definidos de cor da pele. Isto implica a percepção do racismo como parte de uma herança do passado que sobrevive na sociedade nacional. Paulatinamente, as transformações na economia competitiva provocarão o desaparecimento desses resquícios, uma vez que a mesma está fundada em critérios racionais de competitividade que não comportam arcaísmos de outras épocas. Assim:

(...) o preconceito e a discriminação racial apareceram no Brasil como conseqüências inevitáveis do escravismo. A persistência do preconceito e discriminação após a destruição do escravismo não é ligada ao dinamismo social do período pós-abolição, mas é interpretada como um fenômeno de atraso cultural, devido ao ritmo desigual de mudança das várias dimensões dos sistemas econômico, social e cultural.

Daí a ênfase de Fernandes no entendimento da ordem social competitiva, pois, à medida que esta se desenvolvesse, teríamos a superação desses mecanismos de discriminação racial. As desigualdades sociais seriam resolvidas à proporção que os negros fossem integrados à economia de mercado e as distinções sociais entre brancos e negros dessem lugar a uma situação de igualdade nas oportunidades de ocupação, renda e educação. Dessa maneira:

Fernandes argumenta que o modelo arcaico de relações raciais só desaparecerá quando a ordem social competitiva se libertar das distorções que resultaram da concentração racial de renda, privilégio e poder. Assim, uma democracia racial autêntica implica que negros e mulatos devam alcançar posições de classe equivalentes àquelas ocupadas por brancos.

Desse modo a interpretação fornecida por Fernandes pressupõe a compreensão da ordem social capitalista como uma expressão exata dos valores democráticos e da igualdade das oportunidades fundados no critério racional da competência. Como podemos perceber, este autor apresenta uma interpretação dinâmica da realidade brasileira e, portanto, considera a eliminação das barreiras raciais um acontecimento necessário ao pleno desenvolvimento da economia competitiva. Por isso:

(...) visto que o desenvolvimento econômico e a plena constituição da ordem social competitiva são considerados como os principais processos subjacentes à eliminação dos aspectos arcaicos das relações raciais, F. Fernandes é levado a uma visão cuidadosamente qualificada, porém otimista, sobre o futuro das relações raciais brasileiras.

Esta teoria nos leva a explicar o racismo, no contexto da sociedade de classes, como algo que tem sua raiz no passado. Na economia competitiva sobrevivem elementos da organização social anterior os quais constituem anomalias que o desenvolvimento posterior da economia de mercado tratará de corrigir, tornando o processo de ascensão-integração do negro possível nos quadros da ordem social capitalista. Nessa perspectiva:

(...) após a abolição do escravismo, argumenta Fernandes, a sociedade herdou do antigo regime um sistema de estratificação racial e subordinação do negro. A persistência desta estratificação após a emancipação é devidamente atribuída aos efeitos do preconceito e discriminação raciais. Apesar da compreensiva e meticulosa dissecação das relações raciais brasileiras, a principal debilidade interpretativa resulta dessa conceituação do preconceito e discriminação raciais como sobrevivências do ancien regime. Essa perspectiva, relacionada à teoria de caráter assíncrono da mudança social, explica os arranjos sociais do presente como resultado de "arcaísmos" do passado. Assim, o conteúdo "tradicional" ou "arcaico" das relações raciais, revelado pela presença de preconceito e discriminação raciais, é considerado como um remanescente do passado. O modelo tradicional e assimétrico de relações raciais, perpetuado pelo preconceito e pela discriminação, é considerado uma anomalia da ordem social competitiva. Em conseqüência, o desenvolvimento ulterior da sociedade de classes levará ao desaparecimento do preconceito e discriminação raciais. A raça perderá sua eficácia como critério de seleção social e os não-brancos serão incorporados às posições "típicas" da estrutura de classes.

Notadamente, Fernandes elabora uma interpretação das relações raciais brasileiras em termos da desagregação da estrutura social anterior o que implica a compreensão do contexto das relações raciais contemporâneas como o resultado imediato da conjugação de forças sociais presentes na batalha da abolição. Porém outro aspecto nitidamente perceptível é o fato deste autor associar a economia competitiva à posterior eliminação da discriminação e do preconceito racial dando vazão à compreensão de que a expansão capitalista possibilitaria a adequação das relações raciais à estrutura de classes da sociedade brasileira.

As desigualdades raciais estariam, desse modo, condicionadas pela sobrevivência de resquícios da sociedade escravista na realidade sócio-econômica nacional. Assim Fernandes apresenta uma perspectiva otimista quanto à inserção dos negros na estrutura de classes da economia competitiva. Isto equivaleria a dizer que as relações raciais pautadas pela subordinação do negro, paulatinamente, seriam superadas enquanto se ampliasse o espectro da economia capitalista.

Segundo Arruda:

(...) no quadro dessas considerações, explicitam-se concepções do autor: a noção de ordem social competitiva, ou sociedade capitalista, enquanto forma de estratificação aberta e tendencialmente democrática; a identificação do mito à ideologia, numa acepção mais restrita a esse fenômeno de natureza simbólica. Nesse sentido, Florestan trabalha com a noção de mito no sentido diverso da tradição antropológica, ou seja, enquanto universo de representações exclusivas. De outro lado, a discussão do mito da democracia racial permite-lhe ultrapassar certas visões dominantes e “representa uma recusa à visão conservadora que marca o debate não somente sobre a questão racial, mas também na Sociologia no Brasil” (Bastos, 1987: 141. Citado pela autora.). No interior desses parâmetros analíticos, o sociólogo desenvolve a segunda parte de sua reflexão, quando a ordem social competitiva expande-se no sentido capitalista no momento da Segunda Revolução Industrial, o que possibilita o reequacionamento das formas de integração do negro.

Certamente o trabalho que investiga as relações raciais levado a cabo por Fernandes constata a existência do fenômeno das desigualdades de oportunidades entre brancos e negros. No entanto a preocupação investigativa deste autor o leva à percepção da solução nos termos de um reordenamento das relações sociais, econômicas e políticas no interior da economia competitiva. Em suma, este autor demonstra o caráter desigual das relações entre brancos e negros e desmistifica a noção de democracia racial à medida que apresenta, em contraposição, elementos discriminatórios presentes no cotidiano das relações raciais no Brasil. Porém associa estes desajustes sociais à existência de resquícios da escravidão ainda marcando a realidade brasileira.

Ainda, de acordo com Arruda:

(...) apesar da tendência à assimilação, o prestígio e o poder permanecem enleados aos princípios sociais dominantes herdados do passado e encarcerados pela ordem branca. A lentidão e descontinuidade do ritmo da integração apontam para os dilemas de uma história que não rompe as cadeias do passado. No âmbito da sociedade de classes, apesar do nuançamento da relação entre negro e condição social ínfima, os egressos da escravidão não se constituíram em ameaça às posições do branco e sequer entraram no universo das percepções deste (...). Na impossibilidade de constituir-se, efetivamente, em sujeito da sua trajetória social, o negro vivencia uma realidade do preconceito contraditória, que pode ser tanto neutralizada, quanto acirrada, em função da tradição cultural da sociedade. Esta via de ligação entre o passado, o legado cultural da sociedade escravista e o presente sofre as injunções de circunstâncias e não foi gestada na dinâmica intrínseca à ordem social competitiva.

Dessa forma, a interpretação oferecida por Fernandes aponta para o entendimento do presente – sociedade capitalista – como algo ainda incompleto – sobrevivência de aspectos do passado escravista – e, portanto, as práticas discriminatórias seriam como um corpo estranho no emaranhado de relações sociais capitalistas.

F EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01| Leia o texto a seguir.

*Estado Violência
Sinto no meu corpo
A dor que angustia
A lei ao meu redor
A lei que eu não queria
Estado violência
Estado hipocrisia
A lei que não é minha
A lei que eu não queria (...)*

(TITÃS. Estado Violência. In: Cabeça dinossauro.)

A letra da música “Estada Violência”, dos Titãs, revela a percepção dos autores sobre a relação entre o indivíduo e o poder do Estado. Sobre a canção, é correto afirmar:

- A** Mostra um indivíduo satisfeito com a sua situação e que apoia o regime político instituído.
- B** Representa um regime democrático em que o indivíduo participa livremente da elaboração das leis.
- C** Descreve uma situação em que inexistem conflitos entre o Estado e o indivíduo.
- D** Relata os sentimentos de um indivíduo alienado e indiferente à forma como o Estado elabora suas leis.
- E** Apresenta um indivíduo para quem o Estado, autoritário e violento, é indiferente a sua vontade.

02| *O etnocentrismo pode ser definido como uma “atitude emocionalmente condicionada que leva a considerar e julgar sociedades culturalmente diversas com critérios fornecidos pela própria cultura. Assim, compreende-se a tendência para menosprezar ou odiar culturas cujos padrões se afastam ou divergem dos da cultura do observador que exterioriza a atitude etnocêntrica. (...) Preconceito racial, nacionalismo, preconceito de classe ou de profissão, intolerância religiosa são algumas formas de etnocentrismo”.*

(WILLEMS, E. Dicionário de Sociologia. Porto Alegre: Editora Globo, 1970. p. 125.)

Com base no texto e nos conhecimentos de sociologia, assinale a alternativa cujo discurso revela uma atitude etnocêntrica:

- A A existência de culturas subdesenvolvidas relaciona-se à presença, em sua formação, de etnias de tipo incivilizado.
- B Os povos indígenas possuem um acúmulo de saberes que podem influenciar as formas de conhecimentos ocidentais.
- C Os critérios de julgamento das culturas diferentes devem primar pela tolerância e pela compreensão dos valores, da lógica e da dinâmica própria a cada uma delas.
- D As culturas podem conviver de forma democrática, dada a inexistência de relações de superioridade e inferioridade entre as mesmas.
- E O encontro entre diferentes culturas propicia a humanização das relações sociais, a partir do aprendizado sobre as diferentes visões de mundo.

03| A exuberância da natureza brasileira impressionou artistas e viajantes europeus nos séculos XVI e XVII.

Leia o texto e observe a imagem a seguir:



(DEBRET, J. B. Tribo Guaicuru em busca de novas pastagens. 1834-1839)

“[...] A América foi para os viajantes, evangelizadores e filósofos uma construção imaginária e simbólica. Diante da absoluta novidade, como explicá-la? Como compreendê-la? Como ter acesso ao seu sentido? Colombo, Vespúcio, Pero Vaz de Caminha, Las Casas, dispunham de um único instrumento para aproximar-se do Mundo Novo: os livros. [...] O Novo Mundo já existia, não como realidade geográfica e cultural, mas como texto, e os que para aqui vieram ou os que sobre aqui escreveram não cessam de conferir a exatidão dos antigos textos e o que aqui se encontra.”

(CHAUI, M. apud FRANZ, T. S. Educação para uma compreensão crítica da arte. Florianópolis: Letras Contemporâneas Oficina Editorial, 2003. p. 95.)

Com base no texto e na imagem, é correto afirmar:

- I. O olhar do viajante europeu é contaminado pelo imaginário construído a partir de textos da Antiguidade e por relatos produzidos no contexto cultural europeu.
 - II. Os artistas viajantes produziram imagens precisas e detalhadas que apresentam com exatidão a realidade geográfica do Brasil.
 - III. Nas representações feitas por artistas estrangeiros coexistem elementos simbólicos e mitológicos oriundos do imaginário europeu e elementos advindos da observação da natureza e das coisas que o artista tinha diante de seus olhos.
 - IV. A imagem de Debret registra uma cena cotidiana e revela a capacidade do artista em documentar os costumes e a realidade do indígena brasileiro. Assinale a alternativa que contém todas as afirmativas corretas.
- A I e II.
 - B I e III.
 - C II e IV.
 - D I, III e IV.
 - E II, III e IV.

04|

Número e Percentual de Pobres + Indigentes por cor, 1992 e 1999

	Número		variação%	Percentual	
	1992	1999		1992	1999
Total	84.459.000	75.195.000	-11,00	100,0	100,0
Brancos	31.075.000	25.869.000	-16,75	37,0	34,4
Afrodescendentes	53.191.000	49.012.000	-7,85	63,0	65,6

(IPEA, 2001. OLIVEIRA, L. F.; COSTA, R. R. Sociologia para jovens do século XXI.)

Os dados sobre a pobreza e a indigência segundo a cor ilustram os argumentos dos estudos

- A de Gilberto Freyre sobre a natural integração dos negros na sociedade brasileira, que desenvolveu a democracia racial.

- B** de Caio Prado Junior sobre a formação igualitária da sociedade brasileira, que desenvolveu o liberalismo racial.
- C** de Sérgio Buarque de Holanda sobre a cordialidade entre as raças que formam a nação brasileira: os negros, os índios e os brancos.
- D** de Euclides da Cunha sobre a passividade do povo brasileiro, ordeiro e disciplinado, que desenvolveu a igualdade de oportunidades para todas as raças.
- E** de Florestan Fernandes sobre a não integração dos negros no mercado de trabalho cem anos após a abolição da escravidão.

05 | *“Preconceito racial, nacionalismo, preconceito de classe ou de profissão, intolerância religiosa são algumas formas de etnocentrismo”.*

Com base no texto e nos conhecimentos de sociologia, assinale a alternativa cujo discurso revela uma atitude etnocêntrica:

- A** A formação de etnias que são respeitadas nas suas diferenças.
 - B** Os povos indígenas possuem um acúmulo de saberes que foram preservados.
 - C** As culturas diferentes devem primar pela tolerância e pela compreensão dos valores.
 - D** As culturas podem conviver de forma democrática.
 - E** O encontro entre diferentes culturas gerou uma dominação de uma cultura sobre a outra.
- 06** | Quanto aos índios brasileiros, a partir dos estudos sociológicos já feitos e existentes hoje, está correto dizer que
- A** estão em via de extinção posto serem culturas primitivas e atrasadas com relação à sociedade brasileira, daí se inviabilizarem como grupo social .
 - B** não há mais índios no país, posto que só existiriam índios quando da descoberta do Brasil e no período Colonial, quando pelas guerras, doenças e outros fatores advindo do contato com os colonizadores, vieram a se extinguir.
 - C** apesar das desigualdades sociais imensas que sofreram e sofrem, marginalizando-os, eles continuam presentes marcando, atualmente, muito melhor suas identidades e pertencimentos culturais específicos, abrindo e conquistando espaços políticos dentro da sociedade brasileira.
 - D** não mais existem índios no Brasil, pois que todos eles já entraram na sociedade brasileira, adquirindo os bens e serviços desta, daí não haver mais nenhuma cultura indígena pura, verdadeira, a qual possamos nos referir como legitimamente indígena.
 - E** o processo de colonização relegou o extermínio da cultura indígena

07 | De acordo com Darci Ribeiro:

“[...] o primeiro processo civilizatório humano fundado na Revolução Industrial vai impondo tamanhas alterações nos modos de ser das sociedades humanas que acaba por integrá-las todas num só sistema interativo e por configurar uma nova formação sócio-cultural, também bipartida em dois complexos tecnologicamente defasados e economicamente contrapostos, mas complementares: o superior, constituído pela aceleração evolutiva de algumas nações capitalistas-mercantis à condição de centros de dominação imperialista industrial; o inferior, constituído através de movimentos de atualização histórica que provocam tanto a redistribuição de áreas coloniais entre as novas potências como o surgimento de uma nova forma de dependência: o Neocolonialismo”.

Fonte: RIBEIRO, D. O processo civilizatório. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 152-153.

São exemplos de países pertencentes ao primeiro grupo citado pelo autor:

- A** Alemanha e Japão.
 - B** Inglaterra e França.
 - C** Brasil e África do Sul.
 - D** Estados Unidos e Rússia.
 - E** Portugal e Espanha.
- 08** | Leia o trecho da música Haiti, de Caetano Veloso e Gilberto Gil:
- Quando você for convidado pra subir no adro
Da fundação casa de Jorge Amado
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos e outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos
(E são quase todos pretos)
E aos quase brancos pobres como pretos
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados*

Assinale a alternativa correta.

- A** Não existe, na música, uma referência indireta ao haitianismo.
- B** A música faz referência a um processo de exclusão seletiva que atinge de forma mais gravosa a população negra.
- C** É possível afirmar que os processos de exclusão atingem, da mesma forma, brancos e negros.
- D** A alusão ao Haiti é para fazer contraposição à situação brasileira.
- E** O texto faz referência ao processo de miscigenação racial pela qual passa o Brasil.

A350°

